

Literatura Feita de Literatura: A proposta de limitação de buscas intertextuais de Heinrich Boell

por EVA WYSK KOCH (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Ao abordar a questão da extensão e da necessidade de delimitação de perguntas sobre possíveis leituras prévias por parte de um determinado autor de textos literários (principalmente os de cunho enigmático), com o qual nós leitores acreditamos poder compartilhar parte de nosso repertório de conhecimentos na esperança de iniciarmos um diálogo mais simétrico do que nos foi possibilitado no passado, vejo-me obrigada a denunciar em primeiro lugar a situação realmente opressiva em que leitores profissionais se encontravam até pouco, enquanto presos nas garras da pesquisa imanentista e até mesmo da Sociologia da Literatura. Não faz muito tempo que se exigia, tanto do leitor leigo quanto do leitor profissional, uma dose de submissão, passividade e credu

lidade hoje considerada inacreditável! Penso especialmente na frustração de não encontrar informações - então consideradas não-pertinentes - que satisfazem, ao menos temporariamente, nossa curiosidade e vontade de participação pessoais e científicas.

Um dos exemplos mais plásticos de diálogo texto-leitor malgrado por falta de informação "de fora", na minha opinião, parece ter sido o dos cartões postais ilustrados e cobertos de mensagens curtas por FRANZ MARC (1880-1916), pintor expressionista - cubista alemão e criador da famosa Torre de Cavalos Azuis que deu origem à Escola do Cavaleiro Azul. Repetidas vezes MARC dirigia-se nestes cartões a uma pessoa chamada de "príncipe Jussuf", e isto de maneira tão envolvente que o espectador-leitor se sentia simplesmente excluído de uma comunicação fortíssima por não conseguir preencher, com conteúdos de seu repertório pessoal desassistido, aquela figura semi-vazia de "príncipe José". Aqui não se tratava de desleitura solicitada pelo remetente, nem de voyeurismo artístico por parte do leitor, mas de um ponto final prematuro a um diálogo inexequível.

Longe de querer pleitear qualquer transparência ingênua, destaco a importância do socorro hermenêutico que nos é fornecido pela informação² de que a poetisa ELSE LASKER-SCHUELER (1869-1945) por si já bastante enigmática, costumava assumir entre outros também o cognome do rei ou príncipe, como assimiladora ávida dos Contos de Nil e Uma Noite. A partir desta orientação, reativa-se substancialmente a rede referencial do espectador-leitor de MARC, cansado de engolir sapos a mando de uma crítica que só negar especialmente à literatura expressionista um potencial objetivável, nem que fosse por relações intertextuais; naturalmente, além dos tradicionais apelos à paz, liberdade e fraternidade.

I. Décadas de aversão à tradição e memória³ - por que não dizer à própria História - fizeram-nos esquecer a existência de uma gama de procedimentos empregados por gerações de leitores-detetives interessados em diálogos de "simultaneidade não-sincrônica"⁴. Constitui verdadeiro alívio poder retomar hoje uma obra a de WOLFGANG KAYSER, bom conhecedor desses procedimentos reconstitutivos, e observar como, um ano após a morte de KAYSER, num filão paralelo à crítica da moda, um colega alemão prestava sua homenagem àquele grande romancista alemão ao retomar observações

da famosa Análise e Interpretação da Obra Literária⁵, dando vida postmortem ao raciocínio Kayseriano. Falo de HERMAN MEYER que, em 1961, dedicou à memória do bom conhecedor de Portugal um longo estudo sobre a função da citação na arte de narrar⁶ ao abordar principalmente do segundo capítulo da primeira parte da obra de KAYSER o aspecto da suposta extra-literariedade das fontes. MEYER aborda o trecho que PAULO QUINTELA traduziu da seguinte maneira:

O que vive em tradição própria, alheio à obra literária, e vai influenciar o conteúdo dela, chama-se assunto. (p.75)

"Was ausserhalb eines literarischen Werkes in eigener Ueberlieferung lebt und nun auf seinen Inhalt gewirkt hat, heisst Stoff!"(p. 56)

Arrolando uma infinidade de exemplos muitas vezes hilariante da literatura humorística européia, MEYER repensa esta suposta extra-literariedade dos "assuntos" reaproveitados da Bíblia, das mitologias, de autores clássicos, de crônicas, jornais, etc. pré-existentes. Mediante a comprovação da função estruturante de citações verdadeiras, falsas, crípticas, mistas, paródicas, travestidas e/ou para-etimológicas, MEYER mostra o papel integrante deste material alheio em obras de nove autores famosos da literatura ocidental.⁷ Talvez convenha mencionar, no contexto desta apresentação, um único exemplo de citação híbrida do primeiro poeta doctus FRANÇOIS RABELAIS (c. 1490-1553), contida no Prólogo do Livro do romance Gargântua e Pantagruel (1534). RABELAIS que soltava sua veia paradística quando assimilava citações da Bíblia (p. 41) a fim de denunciar a credulidade cristã coeva, cuidava em não deturpar demasiadamente o sentido de citações dos antigos clássicos (p. 36). Para instruir seu público, em questão tão séria como a leitura correta de sua obra, apresenta a imagem do osso (= do texto de superfície) a ser quebrado com a finalidade de sugar-se o líquido fortificante do conteúdo oculto. Para construir esta imagem, RABELAIS procedeu como verdadeiro cozinheiro, juntando uma pitada de invenção própria a dois empréstimos de PLATÃO. MEYER mostra como num primeiro passo, RABELAIS se inspira no Simposio (215 A) de PLATÃO para ilustrar a natureza exótica coexistente com a esotérica de um fenômeno. Do episódio da preocupação de Alcebiades com a aparência tão feia de Sócrates, aproveita a comparação deste filósofo com a estatueta de um sileno careca,

pançudo e de orelhinhas de porco. Abrindo, porém, a estátua em duas partes, encontra-se no seu interior a imagem de um deus. Num segundo momento, RABELAIS mantém o sentido quando compara a representação de sileno com uma caixa de farmacêutico coevo, pintada de figuras frívolas por fora, mas contendo ervas medicinais milagrosas no seu interior. A seguir, recorrendo ao Estado (376 B), completa a imagem didática inicial com outra afirmação de PLATÃO, desta vez no sentido de que o cachorro é por natureza um ser altamente filosófico. Ao sugar o tutano do osso medular, aproveita o melhor que um corpo/corpus tem a oferecer. Da mesma maneira o leitor deveria ser capaz de encontrar a "doutrina mais abscondida", "aquela que vos revelará sacramentos altíssimos e misteriosos horríficos, tanto no que diz respeito a nossa religião, quanto ao estado político e à vida econômica." (p.37)

Está aí in nuce o que intencionava o romance gigantesco de RABELAIS que chegou a ocupar o médico-teólogo andarilho durante a maior parte de sua vida de mentor ético de sua época.

II. A literatura humorística costuma ser acentuadamente alegórica. A cruz está no reconhecimento do texto com suas mensagens críticas. Falamos antes de procedimentos do leitor-detetive que, no caso de utilização de material escrito ou oral pré-existente, vão da simples verificação de citações ou de figuras e situações recorrentes, do levantamento de hipóteses sobre empréstimos e alusões até a especulação sobre transformações textuais de todo tipo. Por tratar-se de "literatura alimentada de literatura" como HERMAN MEYER chamou o campo em que suas pesquisas se desenvolveram (p.22), ou por tratar-se de "literatura feita de literatura" como a comparatista-eslavista RENATE LACHMANN intitulou sua aula inaugural na Universidade de Constança em 1981, os métodos empregáveis vão da Filologia micrológica até o Desconstrucionismo de origem romântica ienaiana. Na variante filológica das pesquisas intertextuais, o pesquisador interfere pouco, enquanto su jeito, na reconstrução de diálogos subjacentes; o leitor desconstrutivista torna-se bastante autônomo frente à recepção de diálogos precedentes.

Damos agora um salto de mais de vinte anos no âmbito da pesquisa intertextual na República Federal da Alemanha. Isto não significa que nada de importante tivesse acontecido além de nova edição da obra de HERMAN MEYER. Simplesmente manteremos o patamar comum da reidentificação de um tipo de literatura feita preponderantemente de literatura, ao arrolar outro professor da Universidade

de Constança, o editor da Teoria da Metáfora⁸ ANSELM HAVERKAMP que se destaca do filólogo MEYER por sua abordagem desconstrucionista, unida a uma boa base filológica, em seu artigo sobre as metamorfoses do assunto "Laura"⁹.

Embora MEYER esteja consciente da natureza crítica da maioria dos exemplos de intextualidade arrolados por ele, a exuberância e vitalidade efusiva de seu material humorístico fazem com que sua obra se transforme facilmente em refúgio de pesquisadores do passado, desolados com os males do seu próprio presente mórbido. No fundo, a postura positiva dos anos 60 constituiu um perigoso convite à alienação. Já em HAVERKAMP, a história ou o "destino" da recepção da amada de Petrarca nas literaturas européias só pode ser relatado sob a premissa das mortes de diversas modalidades de buscas da personagem Laura. É esta consciência da destruição da tradição que marca a diferença entre MEYER e HAVERKAMP, e entre as décadas 60 e 80.

No trajeto de Laura, desde sua gênese no mito de Dafne nas Metamorfoses (I, 452-567) de OVÍDIO, e o resultante topo "amor sublimado compensado por louro=fama", válido para tantos poetae laureati, até as odes dirigidas a diferentes "lauras" durante o século XVIII (entre os quais as Odes a Laura de FRIEDRICH SCHILLER, 1782), a personagem já havia sofrido no mínimo mais duas transformações após a mudança de Dafne para a Laura de Petrarca. Deixando de ser objeto de especulação sobre a natureza real da amada de Petrarca (cabelos loiros, seus olhos), a bela platônicamente amada denotara não só a fama, mas também a Poesia, a Penitência ou a Virgem Maria, até o momento em que um ABBÉ DE SADE criticara de pedantes e quiméricas (compare: "phantom") tais comparações no ano de 1764¹⁰.

Mas então, quem era esta beleza...? Todos perguntavam, mas ninguém sabia a resposta. (apud p. 326)

Segue-se a este esvaziamento a ocupação do nome por "n" mulheres belas, almeçadas e conquistadas ou não. Em outras palavras: a generalização e suspensão parcial da origem, sucede a reespecificação em novos contextos¹¹. Assim a inalcançável Loreley de HEINRICH HEINE (1797-1856) com seu cabelo de ouro (l'oro) pode ser considerada uma das "Lauras" heineanas, semelhante a sua última amada Mouche. E em 1819, BYRON (1788-1824) confirmará mais uma

vez a ruptura da tradição:

Think you, if Laura had been Petrarch's wife,
He would have written sonnets all his life?
(Don Juan III,8 (7-8))

À atomização segue o esquecimento e mais uma morte do assunto Dafne-Laura. HAVERKAMP arrola RAINER MARIA RILKE (1875-1926) como o último capítulo do Petrarquismo quando este tenta uma derradeira vez, em 1923, nos Sonetos a Órfeu, "dizer mais belamente o que já fora dito por outros" sobre a Verdade¹². Em RILKE, a raiz "Dafne afastada" inverte-se quase desmitologizada em Eurídice que volta da morte. Só a renúncia à sublimação e ao louro-fetichismo abre o caminho para uma nova vida, no âmbito da realidade mítica não-mediada proposta por RILKE:

die verwandelte Daphne will, seit sie Lorbeern
fühlt, dass du dich wandelst in Wind.

Ou:
Dafne transformada deseja, desde que ela sente
loreiramente, que você se transforme em vento.

Dies ist nicht, Juengling, das du liebst, wenn auch
die Stimme den Mund dir aufstoest, - lerne
vergessen, dass du aufsangst. Das verrinnt.

Não é isso o importante, jovem, que você ame, mesmo
que a voz então lhe abra a boca, - aprenda a esquecer
que você erguia a voz em canto. Isso se esvai.
(apud p. 343-4)

Aprender a esquecer, negação da mediação - é este o pano de fundo sobre o qual se desenvolve um pequeno texto de 22 linhas intitulado Lauras, colcha de retalhos intertextuais do tipo cento¹³ de citações e alusões abruptas, ainda reconhecíveis e/ou de recorrências implícitas, quem sabe, até inventadas: um texto de transparência tão somente fragmentada. Assim como HERMAN MEYER homenageou WOLFGANG KAYSER com suas pesquisas intertextuais, ANSELM HAVERKAMP dedica seu estudo micrológico transtextual ao autor de Lauras¹⁴, GUENTER EICH (1907-72), esposo da poetisa ILSE AICHINGER e um dos escritores mais benquistos pelos seus jovens colegas alemães coevos. Seduzido pela riqueza semântica do nome "Laura", EICH toma a si a história e o telos da morte da recepção do assunto, permitindo - via inversão dos polos - que a figura pluralizada e historicamente extinta participe, ela própria, da escolha de seus favoritos: FRANCESCO PETRARCA e FRIEDRICH SCHILLER. Denunciando de um lado a incorreção do princípio artístico petrarquiano

do "Querer repetir em forma mais bela", e, consciente do desconhecimento generalizado de "Laura", EICH propõe a reinvenção da personagem com a ajuda da ocupação do signo vazio por parte daqueles poetas que mais carinhosamente se ocuparam com "ela". Somente assim o objeto-tornado-sujeito "se apresenta cada vez mais belo" (p. 318) num quase-Petrarquiano ex-negativo.

III. A legitimação de leituras intertextuais para profissionais da literatura consciente, pois, no fim século XX, na conscientização de uma negação a priori de qualquer participação espontânea em diálogos precedentes. Falando hegelianamente, encontramos em cemitérios superpostos, buscando cadáveres com ossos mais ou menos ressequidos, tentando captar carne e tutano há muito desintegrados. Mas como EICH disse em Lauras:

Wenn wir ihren Tod wissen, wissen wir alles.

Quando conhecemos sua morte, sabemos tudo.

E mais, uma reconstituição em novo grau só se torna possível quando revisitarmos as características do objeto em estudo de maneira tão altruísta e abnegada, que suas preferências e não as nossas orientem a tentativa de recriação, - até onde isso for possível.

Meu resumo parcial do diálogo EICH-HAVERKAMP teve como objetivo preparar o campo para o tema anunciado no título: a delimitação de buscas intertextuais por parte do leitor. penso que aqui se trata do leitor interessado, não necessariamente profissional, pois a proposta do meu título se origina de uma peça de rádio-teatro escrita por HEINRICH BOELL (1917-1985) em 1954, como quarta parte do ciclo O Clube de Profissões Estranhas¹⁵.

O caráter eminentemente intertextual já está presente nos subtítulos das quatro peças que remetem invariavelmente ao escritor inglês de contos policiais G.K. CHESTERTON (1847-1936), progressista e católico como o próprio BOELL. A personagem taciturna boelliana de nome Major Brown e suas aventuras de identidade trocada, no porão de uma casa alugada, servem para conotar o conhecimento prévio do "detetive do Bom Deus" Padre Brown chestertoniano e, metaforicamente falando (em se tratar da re-ocupação de recintos claros e escuros por outros), a atividade ainda pouco estudada do tradutor literário BOELL¹⁶. Neste momento, não estou

em condições de examinar a natureza destas recorrências, nem a do nome de A.C. SWINBURNE (1837-1909), estudioso de SHAKESPEARE e autor da Ode on the Proclamation of the French Republic (1870) ou da Canções de antes do amanhecer (1871)¹⁷, republicano atacado na época por seu sensualismo, presente em BOELL como "querubim" quase oníscio. O que chamou minha atenção foi a temática proposta já em 1954 pelo Prêmio Nobel BOELL (1972): a delimitação de buscas de metáforas extintas, dormentes ou ativas¹⁸ mediante o emprego do topos "leitor-ouvinte igual a detetive", constitutivo do romance de UMBERTO ECO (1980) ou de várias obras do suíço FRIEDRICH DÜRRENMATT (1921)¹⁹.

Nosso corpus solicita uma leitura meta-literária e microológica para podermos acompanhar a evolução das associações "químicas" a serem levadas ad absurdum (p. 134) por BOELL, ou, outras palavras, para podermos compreender (tão somente auditivamente) a necessidade de restringir a atividade dos investigadores. Para entender por que a Filologia é acusada de atravanco, talvez convenha examinar o destino duplo dado ao "estudioso da Filologia clássica" (BOELL, op. cit., p. 109) ERNST ROBERT CURTIUS (1886-1956), inimigo das Academias, anti-nazista e autor da famosa obra Literatura Européia e Idade Média Latina (Europäische Literatur und Lateinisches Mittelalter²⁰), o primeiro a retomar em língua alemã o estudo das fontes, após a Segunda Guerra Mundial. Jogando com a etimologia do nome CURTIUS (mais curto), BOELL cria o personagem-máscara "Pastor Shorter" que, no início da peça, é perseguido por quatro bandidos (entre os quais W. Kayser?), pede ajuda a um detetive-mor ao qual conta exaustivamente como foi forçado a se vestir de velhota bêbada, atrasando com seu relato queixoso a partida do convidado por uma bela dama com o qual um valente capitão Frazer (Fratzenmacher, Fratzen-maler?) pretendia passar duas horas a sós, antes da chegada dos amigos para a janta de despedida previamente programada. A certa altura, BOELL não poupa críticas ao "velho gagã", "burro" e beato atrapalhado Shorter (p. 110), travestido de mãe de um rico coronel Hawker²¹ que possuía tanto ouro escondido em seu porão que os ladrões supostamente queriam roubá-lo com a ajuda desta mãe postiça.

Aplicando a lente de detetive intertextual à palavra "mãe", somos remetidos à obra de CURTIUS que, no capítulo sobre

a metáfora (§ 2), cita vários exemplos da área das relações familiares. Lá ficamos sabendo que, para HORÁCIO, a utilidade é a "mãe da justiça e da conformidade" (Sat. 1,3,98), enquanto a Natu reza, em QUINTILIANO, teria sido madrasta no momento em que dotou o homem da capacidade de falar com intenção criminosa (p. 139).

Ora, "pequena madrasta" (Stiefmuetterchen) é a tradução literal do nome da flor que em português é chamada de "amor-perfeito". Salvo melhor juízo, temos aqui a origem daquelas florzinhas ("amarelas como manteiga", p. 91²²) que seduziram o Major Brown a penetrar em jardim e porão alheios, na primeira peça. "Pequenos crimes verbalizados" seria assim a denotação desta metáfora de origem intertextual que anuncia o advento da Análise do Discurso, da observação de formulações de cunho ideológico, de atos falhos dos detentores do poder, de manifestações de preconceitos, intolerância e desumanidade, implacavelmente denunciados por BOELL que até hoje costuma ser chamado de "consciência da nação", em bora não gostasse disso.

CURTIUS, que manifestara uma série de preconceitos²³ ao organizar seu vastíssimo acervo para proveito das novas gerações, é, pois, castigado por "pequenos crimes" e omissões manifestos em sua obra. Ao começar a desfazer-se o suspense do mascaramento duplo de CURTIUS como Pastor Ellis Shorter e mãe de coronel rico, porém, o filólogo é finalmente elogiado:

Ihre Geschichte, die Sie mit so viel Realismus und Lokalkolorit erzahlt haben, ist sehr eindrucksvoll, Herr Pfarrer.

Sua história, contada tão realisticamente e tão cheia de colorido local, é muito impressionante, Senhor Pastor. (p. 114)

Pincemos agora a metáfora "leite" do emaranhado proposital de ficções potenciadas e alusões literárias ativas, dormentes ou extintas cujo reconhecimento é nada mais do que obra do acaso de alguém ter as denotações correspondentes à mão²⁴. A Literatura Européia e Idade Média também serve de fonte para as primeiras denotações conhecidas desta metáfora. Lemos que EUPOLEMIIO desejava que sua obra se tornasse "leite para os fracos" (p. 143), já que "leite" costumava ser relacionado a "alimento espiritual" por pagãos e Cristãos (p. 144). Na última peça de BOELL, um detetive

Rupert Grant, amável-desprezível defensor burguesíssimo do senso comum que firmemente apostava na inviolabilidade das relações causais, persegue à noite um entregador de leite, suspeito por uma série de indícios. O rastro deixado pelo pequeno jarro mal-fechado do distribuidor de "alimento espiritual" leva em primeira instância a uma moradia aparentemente inofensiva, onde o recipiente é entregue a uma mulher solícita e se ouve falar da preocupação com outra mulher de nome Bless.

Havíamos aludido a metáfora "casa" como denotando "obra", ou melhor, "casa a ser alugada" conotando "obra desocupada a ser habitada por outra (s) pessoa (s)" também no sentido de "obra traduzida". Expande-se o raio desta reflexão sobre recintos e andares de obras-edifício com a repentina descida do detetive positivista ao porão. De lá ele havia escutado uma voz de mulher a queixar-se do abandono e aperto num pequeno cubículo²⁵. Diante da aparente vitória do detetive Rupert, certamente surpreende a informação de que a respeitável Senhora Bless²⁶ havia optado espontaneamente pelo confinamento, como penitência por sua tagarelice que causara o rompimento de seu noivado. O Clube de Profissões Estranhas havia-lhe dado a garantia de levar ao fim esta auto-punição.

Temos aqui um exemplo em que o polo do texto determina mais uma vez a legitimidade das buscas do leitor. Interessa que BOELL reconhece e elabora a existência de "metáforas tagarelas" que seduzem o leitor a buscar as respectivas denotações com suas filiações. "Leite" é uma "metáfora tagarela" na Bíblia, em SHAKESPEARE e na literatura alemã:

I Pedro 2, 2: desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual²⁷, para que por ele vos seja dado crescimento para a salvação. (Etc.)

SHAKESPEARE. Macbeth I, 5: Lady Macbeth sobre seu marido²⁸: Yet I do fear thy nature: It is too full o'the milk of human kindness, To catch the nearest way. (Etc.),

O que FRIEDRICH SCHILLER reaproveita para Guilherme Tell IV, 3:

Tell-pai em seu monólogo contra o alcaide tirano Gessler, no desfiladeiro perto de Kuessnacht²⁹:

DU hast aus meinem Frieden mich heraus
Geschreckt, in gaerend Drachengift hast du
Die Milch der frommen Denkart mir verwandelt (...)

Foste TU quem de minha paz
Me espantaste; em borbulhante veneno de dragão
Transformaste para mim o leite do pensar piedoso.

HEINRICH HEINE não tem muita paciência com a métrica e os versos franceses, "este requeijão perfumado" (Lutetia II. Ilustração Retrospectiva, 1854), jogo intertextual crítico que não se repete facilmente³⁰ após a ocupação da metáfora por PAUL CELAN³¹ em Fuga da Morte:

Schwarze Milch der Fruhe wir trinken sie abends
wir trinken sie mittags und morgens wir trinken sie
nachts
wir trinken und trinken
wir schaufeln ein Grab in den Lueften da liegt man
nicht eng (...)

Negro leite prímevo nós o bebemos à noitinha
nós o bebemos ao meio dia e pela manhã nós o bebe
mos à noite
bebemos e bebemos
cavamos uma cova nos ares lá não se fica confinado
(...)³²

BOELL chamara tais subidas de porões ou descidas aos mes
mos de "aventuras românticas" (p. 146), remetendo desta maneira
também à Escola de Iena que já aplicava a técnica da negação sis
temática ao propor sua ironia romântica como instrumento para a
compreensão da vida e morte de denotações e conotações em diferen
tes contextos históricos. Hoje reencontramos Iena na origem do
Deconstrucionismo quando seus autores citam entre outros um gran
de aluno daquela Escola, FRIEDRICH NIETZSCHE (1844-1900):

Jedes Wort ist ein Vorurteil.

Cada palavra é um preconceito.³³

Somente conscientizados das (e conscientizando as!) re
sultantes desleituradas, fazemos juz ao contato com os assuntos dis
persos, disseminados não só na literatura alemã, mas na literatu
ra de todos os povos.

N O T A S

1. Em outro contexto: RIFFATERRE; Michael. Criteria for Style Analysis. em Word (Journal of the Linguistic Circle of New York - The Linguistic Circle of New York), 1959, v.15,p.154: "Subjective impressionism, normative rhetoric and premature aesthetic evaluation have long interfered (...)".
2. No Brasil: a publicação da Fundação MARTIUS Intercâmbio de São Paulo, n. 41, dez 1986, p. 19.
3. Por exemplo: BREDE, Werner. Gegen Kurzschluesse im Denken (Contra curto-circuitos do racionar) em Faz, Frankfurt, n. 44, 21 fev. 1987, p. 29 sobre Richard MUENCH Die Kultur der Moderne, Frankfurt, Suhrkamp, 1986.
4. Termo emprestado do escritor HUGO LOETSCHER. Die Papiere des Immunen, Diógenes, 1986.
5. Das sprachliche Kunstwerk. Bern, Francke, 1948/1954. Trad. p. PAULO QUINTELA, Coimbra, Arménio Amado, 1970 (5ª ed. port. novamente revista pela 12ª ed. alemã)
6. Das Zitat in der Erzaehlkunst. Stuttgart, J.B. Metzler & C. E. Poeschel, 1961/1967.
7. Rabelais, Cervantes, Sterne, Wieland, E.T.A. Hoffmann, Immermann, Fontane, Raabe, Thomas Mann.
8. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1983.
9. Lauras Metamorphosen (Eichs "Lauren"). Dekonstruktion einer lyrischen figur in der Prosa der "Maulwuerfe". DVjs, caderno 2, 1984. p. 317-46.
10. Tradução alemã de Notícias Sobre a Vida de Francisco Petrarca em 1774.
11. BIRUS, Hendrik & FUCHS, Anna. Ein terminologisches Grundinventar fuer die Analyse von Metaphern. (Um inventário terminológico básico para a análise de metáforas) Manuscrito de dez. 1986, p. 12 a ser publicado em Zur Terminologie der Literaturwissenschaft. (Para uma Terminologia da Ciência Literária). Christian Wagenknecht, Stuttgart, Metzler, 1987.
12. Sonetos dedicados a Wera Ouckama Knoop. Wera (=)Vera(=)veritas (p. 343).
13. Cento=mosaico ERASMO DE ROTTERDAM em um prefácio para PI.UTARCO.

14. Maulwerfe (Toupeiras), 1968, Gesammelt Maulwerfe (Toupeiras Completas; observe-se: denotação de cada substantivo isolado do termo composto "toupeira": "Maul"=boca, "Wuerfe"=lanças), 1972.

Quanto à morte da recriação de "Laura(s) no "Instituto de Doenças Tropicais da Universidade de Tuebingen" no ano de sua fundação "1899", mencionada no mosaico intertextual em apreço, sem ser completamente elucidada em sua carga metafórica por HAVERKAMP, talvez valha lembrar que, naquele mesmo ano, os alemães tomaram, como colônias, os arquipélagos das Carolinas e das Marianas, no Oceano Pacífico. A Enciclopédia Brockhaus (1902) informa que os habitantes, chamados de chamorros, eram saudáveis, sofrendo, entretanto, frequentemente de doenças da pele. O nome original do segundo arquipélago era "Ladrones", conforme decisão de seu descobridor Fernando de Magalhães, em 1521. Tanto o nome "Carolina (s)", quanto a metáfora "Ladrones" caberiam no contexto desta toupeira, inserindo-se na velha técnica da Geografia Literária.

Mesmo que tal "descoberta" fosse correta, ela invalidaria a leitura por duas razões: a) recriações de "Laura(š)" seriam impossíveis no momento em que uma instituição médica combate a morte e em que um governo procura expandir sua hegemonia via roubo, colonialismo e imperialismo cultural; b) a resposta "Carolinas e Ladrones" tornaria-se "pedante e quimérica" ao ponto de merecer críticas semelhantes a do ABBE DE SADE em 1764. Jogando com a homofonia alemã de "tropos" e "trópicos", EICH reformularia, portanto, mais uma vez o motivo da morte por vida prolongada.

15. In: Ein Tag wie sonst. Hoerspiele (Um dia como sempre. Peças radiofônicas). Muenchen, dtv, 1980. p. 87-146.
16. BOELL, Heinrich. A Morte de Elsa Baskoleit. Trad. p. ILSE LO SA. Humboldt, Munique, Bruckmann, 1973. 27, p. 14-6; e a ilustração da estrutura de uma novela de BOELL, p. 83.
- HEISE, Eloá di Pierro. Introdução à Obra de Heinrich Boell. São Paulo, USP/FFLCH, 1975. 40 p.
- BOELL, Heinrich. Ein Schluck Erde (Um gole de terra). Trad. p. FELICIA BECKER VOLKART et alii. Porto Alegre, URGs/Instituto Goethe, 1978.

BOELL, Heinrich. Pálida Anna. Trad. p. LUCIANO VIEIRA MACHADO. Folhetim, São Paulo, 21 jul. 1985. p. 10-1 (com bibliografia em português).

BOELL, Heinrich. Para Samay e Para o Beuys pelos 60 Anos, Trad. p. GEORGE BERNARD SPERBER. Folhetim, São Paulo, 6 out. 1985. p. 12.

ALMEIDA, Doloris Ruth Simões. O Humanista Heinrich Boell. Fragmentos, Florianópolis, n. 1, p. 197-242, jan. jun. 1986.

PONTES, Mário. O barco da salvação. Idéias, Rio de Janeiro, 23 de maio de 1987. p. 3

17. Campare HAUPTMANN, Gerhart. Vor Sonnenaufgang (Antes do Amanhecer), drama de 1889.
18. BLACK, Max. More about Metaphor (Trad. al.) em HAVERKAMP, Theorie der Metapher, op. cit. p. 389 (não trata da metáfora poética).
19. especialmente Justiça, 1986.
20. Bern, A. Francke, 1948. Para "Shorter" ver p. 451: pelikotos.
21. denotações: falcoeiro, vendedor (com carroça), tossedor.
22. CURTIUS, op. cit., p. 144: manteiga (=). tropologia, queijo (=) alegoria.
23. Alguns exemplos de "madrastinhas": O capítulo "Humor de cozinha e outros assuntos ridículos" (p. 423-5) contrasta com a "literatura de lavanderia" (Wasch-kuechen-literatur) assumida por BOELL. CURTIUS: "Ficamos sabendo que os escravos comem carne humana em períodos de fome(...) Com isto tocamos o campo do humor de cozinha (...)". (p. 430). BOELL: "(Um dos teus amigos que ambos eram tão modernos) considerava justo que se comesse gente." (p.126)
Do capítulo "comicidade hagiográfica". "(Durante a união entre igreja e estado no século IV), o martírio não se faz presente." (p. 427), afirmação na qual a conotação de sofrimento do cidadão interfere com a denotação de gênero literário de "martírio". Neste contexto temos de BOELL principalmente as lições dos romances Foto de Grupo com Senhora (1971) e A Honra Perdida de Catarina Blum (1974).
Como autor do capítulo curto sobre o emprego da metáfora "macaco" (p. 524-5), CURTIUS não pode fazer juz ao título de "me

lhor conhecedor de chimpanzés", atribuído ao Capitão Frazer (BOELL, op. cit., p. 104), por não ter dado importância suficiente a LESSING ("le singe" para Frederico II e HENRICH HEINE), assimilador soberano do saber de sua época.

Também o emprego desta metáfora por SHAKESPEARE está sub-representado.

24. Compare HAVERKAMP, Lauras, p. 342
25. CURTIUS, op. cit., p. 334 sobre SHAKESPEARE: remete a W. KELLER em Shakespeare - Jahrbuch 74, 1938, p. 137 ss. (Keller=porão). Em outras instâncias pode-se tratar do autor GOTTFRIED KELLER (1819-90), autor de Romeo e Julia na Aldeia (1856).
26. Compare SHAKESPEARE King Henry VIII, 2: "the blessedness of being little".
27. LUTHER: "vernuenfige, lautere Milch": "leite sensato/razoável/racional e genuíno".
28. Que diz em sua carta: "When burned in desire to question (the Weird Sisters) further, they made themselves air, into which they vanished."
29. Compare BOELL, op. cit., p. 122: "caminhar por desfiladeiros mal-afamados." "Gasse" em SCHILLER e BOELL: negativo; via pública estreita, também: "enxergar gas".
30. GUENTER GRASS em O Linguado (Der Butt, 1977): "Sobre o que escrevo. (...) sobre o leite (como talha)". (p.15)
31. Poeta e tradutor francês, de origem judaica-romena-alemã, internado em campo de concentração (1920-1970).
32. CELAN, Paul. Poemas. p. FLÁVIO KOTHE. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1977. p. 20.
33. BLOOM, Harold et alii. De-construction & Criticism, New York, Continuum, 1984. p. 9.